

A FACHADA DE MARIA AUGUSTA NIELSEN: BIOGRAFIA, MEDIAÇÃO E CAMPO DE POSSIBILIDADES DA FUNDADORA DA SOCILA¹

The façade of Maria Augusta Nielsen: biography, mediation and possibilities of Socila's founder

La fachada de Maria Augusta Nielsen: biografía, mediación y campo de posibilidades de la fundadora de Socila

Maria Carolina Medeiros²
Tatiana Siciliano³

Resumo

Fundada no Rio de Janeiro na década de 1950, a Socila fez sucesso ensinando boas maneiras para moças. O nome da fundadora, Maria Augusta Nielsen, é tão famoso quanto a própria escola. Amiga do então presidente JK, para cujas filhas deu aulas de etiqueta, ela circulou na alta roda mundial e foi personagem de série de TV. A partir de conceitos como ilusão biográfica e fachada, busca-se traçar um estudo biográfico da mulher que até hoje é referenciada na imprensa como sinônimo de elegância.

Palavras-chave: Socila. Etiqueta. Biografia. Maria Augusta Nielsen. Fachada.

Abstract

Founded in Rio de Janeiro in 1950s, Socila was successful teaching good manners to girls. The name of the founder, Maria Augusta Nielsen, is as famous as the school itself. A friend of the president JK, whose daughters she taught etiquette classes, she circulated in the high circles and was a character in a TV series. Based on concepts as biographical illusion and façade, we seek to trace a biographical study of the woman who is still referred in the press as a synonym of elegance.

Keywords: Social. Etiquette. Biography. Maria Augusta Nielsen. Façade.

Resumen

Fundada en Río de Janeiro en la década de 1950, Socila tuvo éxito enseñando buenos modales a mujeres. El nombre de la fundadora, Maria Augusta Nielsen, es tan famoso como la propia escuela. Amiga del entonces presidente JK, circuló en las altas esferas del mundo y fue personaje de una serie de televisión. A partir de los conceptos de ilusión biográfica y fachada, buscamos esbozar un estudio biográfico de la mujer a la que aún se alude en la prensa como sinónimo de elegancia.

Palabras clave: Socila. Etiqueta. Biografía. Maria Augusta Nielsen. Fachada.

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Narrativas da vida moderna na cultura midiática" (PUC-Rio). mariacarolinamedeiros@gmail.com | <http://orcid.org/0000-0003-3740-5936>.

³ Doutora pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. Diretora do Departamento de Comunicação e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. atianasiciliano@puc-rio.br | <http://orcid.org/0000-0001-6867-195X>.

1. Introdução

Na coletânea *Usos e abusos da história oral* (2006), Giovanni Levi questiona: pode-se escrever a vida de um indivíduo? Para além do que ele chama de pretexto da falta de fontes, ele defende que as distorções mais gritantes nessa tentativa se devem ao fato de que historiadores, como ele, imaginam atores históricos obedecendo a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado, relatando fatos que sigam uma cronologia ordenada, “uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas” (LEVI, 2006, p. 169), quando a própria complexidade da identidade, sua formação não-linear e suas contradições são protagonistas dos problemas biográficos. Para Pierre Bourdieu ([1986] 2006), falar de história de vida é pressupor que a vida é uma história, e que como tal, é o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história, também o relato dessa história:

Essa propensão a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas ou, com mais frequência, como fins, conta com a cumplicidade natural do biógrafo, que, a começar por suas disposições de profissional da interpretação, só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido (BOURDIEU, [1986] 2006, p. 184-185).

Para Bourdieu ([1986] 2006), o mundo social dispõe de instituições de totalização e de unificação do eu, incluindo o nome próprio: uma forma inteiramente singular de nominação por meio da qual se institui uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo em todos os campos possíveis onde ele seja agente. Neste artigo, o nome próprio sobre o qual pretende-se discorrer

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

é o de Maria Augusta Nielsen, fundadora da Socila, sigla para Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico.

Fundada no Rio de Janeiro em 1954 como agência de talentos para publicidade e cinema, a Socila fez enorme sucesso nos chamados Anos Dourados como escola de etiqueta para moças, curso de manequins e preparação de candidatas para concursos de miss, tendo filiais Brasil afora. Duas sócias estavam à frente da empreitada: Ligia Bastos e Maria Augusta; a segunda, entretanto, é quem tem seu nome frequentemente associado à Socila nas narrativas da imprensa, ainda nos dias de hoje, a despeito do seu auge ter sido nas décadas de 1950 a 1970.

Maria Augusta circulava nas altas rodas cariocas e em desfiles em Paris, na França, onde conheceu estilistas como Coco Chanel. Quando Fidel Castro tomou o poder em Cuba, em 1959⁴, ela participou da delegação brasileira que levou escolas de samba para festejar a vitória. Na ocasião, teria conhecido Che Guevara, que ela classificou como “um homem charmoso, um cidadão do mundo”⁵: “nesse dia, tinha o jantar do Brasil e Fidel teve que ir aos Estados Unidos. Quem nos recepcionou foi Che Guevara. Como chefe da delegação, me sentei ao lado dele e conversamos muito”⁶, contou Maria Augusta. A informação surpreende e é relevante para ajudar a compreender quem foi a mulher que “ensinou o Brasil a ser elegante”⁷, e que entre os anos 1950 e 1970 “ditava o que era de bom tom em sociedade”⁸.

⁴ As diferentes facetas de Fidel Castro em seus 90 anos. *O Globo*, 13 de agosto de 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/as-diferentes-facetadas-de-fidel-castro-em-seus-90-anos-19903305>, acesso em 23 de janeiro de 2022.

⁵ Depoimento de Maria Augusta à Paulo Borges para o livro *O Brasil na moda* (2003, p. 893). Ver referências bibliográficas.

⁶ A batuta mágica. *Revista Carioquice*, seção Chão de estrelas. Instituto Cultural Cravo Albin. Ano II, número 5, abr/mai/jun 2005, p. 56-61. edição em pdf.

⁷ Gugu: porque elegância é fundamental. *O Globo*, Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

⁸ Gugu: porque elegância é fundamental. *O Globo*, Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Maria Augusta foi, inclusive, personagem de TV: *JK*, minissérie escrita por Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira e exibida na *TV Globo* em 2006, teve uma personagem inspirada nela e vivida pela atriz Mila Moreira. “Maria Adelaide e eu criamos uma personagem, Maria Alice, inspirada na Maria Augusta, uma figura importante no panorama sociocomportamental nos anos JK”⁹, declarou Nogueira. Maria Augusta não gostou do resultado; reclamou que não se identificou com a personagem criada: “Tanto Maria Adelaide Amaral quanto Mila [Moreira] estiveram na minha casa tomando meu depoimento. Mas o que se vê no ar são aulas erradas de etiqueta e postura. E a personagem tem hábitos morais muito duvidosos. Não me representa”¹⁰. Atribuo a essa declaração de Maria Augusta o fato de Mila Moreira não ter querido dar entrevista para esta pesquisa: a atriz declarou que tinha sido modelo da Rhodia – empresa do setor têxtil que montou o que Maria Claudia Bonadio (2004) considera como o primeiro grupo de modelos profissionais do Brasil, como veremos adiante -, encerrando o assunto e dizendo que nada tinha a declarar sobre a Socila¹¹.

Cotejando as narrativas sobre “Maria Augusta da Socila” no jornal *O Globo* e nas revistas *Manchete* e *O Cruzeiro* à entrevistas com familiares de Maria Augusta, ex-alunas da escola (incluindo personalidades como a atriz Ilka Soares e a escritora Marina Colasanti) e jornalistas que comumente escrevem sobre a Socila ainda hoje, busca-se compreender como uma moça jovem, de classe média, construiu uma representação de si, uma fachada pública de distinção e polidez, por meio do uso da imprensa. Como adverte o sociólogo Erving Goffman ([1959] 2014), o papel social de um determinado indivíduo é socialmente construído e esculpido conforme a interação com os demais. Deste modo a

⁹ Gugu: porque elegância é fundamental. *O Globo*, Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

¹⁰ KOGUT, Patricia. *O Globo*, Segundo Caderno. Controle Remoto, 14 de março de 2006, p. 6.

¹¹ O diálogo com Mila Moreira se deu pelo aplicativo de troca de mensagens *whatsapp*, em 2019. Ela morreu em dezembro de 2021.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

expressão pública da fundadora da Socila, por meio dos periódicos, talha um espaço social: de amiga do presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, habituée na alta roda mundial e exitosa na sua profissão, sendo até hoje considerada, mesmo após seu falecimento, uma referência no ensino da elegância e das boas maneiras no país.

Chamadas na imprensa a enaltecem em plenos anos 2000, décadas depois do auge da Socila: “Gugu, porque elegância é fundamental”¹², “Momento Socila”¹³, “Sempre elegante”¹⁴, “Senhora elegância”¹⁵ são algumas delas. Para nos aprofundarmos em quem foi Maria Augusta, primeiro é necessário perscrutar sua biografia, na tentativa de compreendermos sua trajetória.

2. Criadora e criatura: a biografia de Maria Augusta e a fundação da Socila

Em 06 de maio de 1923 nasceu no Rio de Janeiro Maria Augusta da Silva Pinto, de cor branca, filha de Arthur Fiock Pinto e Edelmira da Silva Pinto e caçula de seis filhos, cinco meninas e um menino. Sobre sua educação, nos documentos acessados¹⁶ para esta pesquisa, há um certificado de matrícula no Instituto de Ensino de Administração Científica do Rio de Janeiro, datado de 17 de maio de 1949. Os membros da família e pessoas próximas entrevistadas conheceram Maria Augusta já adulta e pouca ou nenhuma informação têm sobre sua infância e adolescência.

¹² *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

¹³ *O Globo*, Infoetc, 25 de junho de 2007, p. 4.

¹⁴ *O Globo*, Segundo Caderno, 18 de agosto de 2008, p. 3.

¹⁵ *O Globo*, Segundo Caderno, 04 de novembro de 2009, p. 3.

¹⁶ Gentilmente cedidos pela sobrinha-neta de Maria Augusta, Lara Sayão.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Uma parente se recorda dela contar já ter feito trabalhos como modelo; em uma publicação¹⁷ pesquisada, diz-se que na década de 1930, com 16 anos (portanto, em 1939), ela teria trabalhado na casa MC Modas, no Rio de Janeiro. A mesma publicação, à qual Maria Augusta teria dado entrevista, diz que seu pai faleceu na mesma época e que ela teve de trabalhar para ajudar no sustento da família. “Era seu sonho participar de desfiles de moda, mas as suas próprias irmãs eram contra. Achavam que não era uma profissão digna para moça de família. Com o apoio, no entanto, de sua mãe, (...) teve sucesso na carreira”¹⁸. No acervo que Maria Augusta deixou, há um anúncio de uma loja, de nome Madame Lourdes, com ela como modelo:

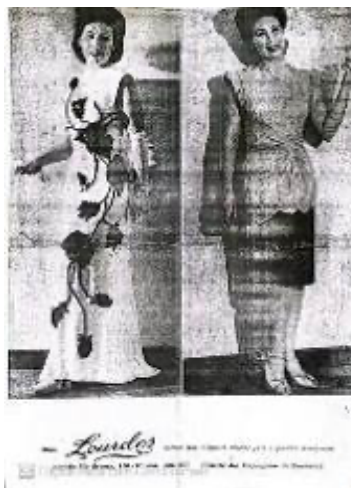


Figura 1 – Maria Augusta estampa anúncio de loja
Fonte: acervo pessoal Maria Augusta

¹⁷ CHAVES, 2020. Ver referências bibliográficas.

¹⁸ CHAVES, 2020, p. 258. Ver referências bibliográficas (como se trata de e-book sem paginação, o número refere-se à posição no *kindle*, e não à página).

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Ela se casou três vezes; a primeira delas foi com o técnico de laboratório romeno Vasile Andrian, em 14 de julho de 1950. Maria Augusta tinha 27 anos e adotou o nome de Maria Augusta Pinto Andrian. Na certidão de casamento consta como sua profissão comerciária; se desquitaram em 02 de outubro de 1953 (o divórcio só passou a existir em 1977). Nenhuma das pessoas próximas a ela e entrevistadas conviveu com o casal, algumas não eram nascidas e outras não conheciam Maria Augusta nesta época. No material de imprensa consultado, Maria Augusta também não comenta sobre esse casamento, como se não tivesse existido.



Figura 2 – Carteira de identidade de Maria Augusta
Fonte: acervo pessoal Maria Augusta

Em retrospectiva sobre si mesma na imprensa, Maria Augusta diz¹⁹ que foi funcionária do Departamento de Relações Públicas do Ministério da Educação até 1955 (a data contradiz declarações nas quais afirma que fundou a Socila em 1954), e teria também alguma experiência como chefe de seção em uma loja de modas (uma parente se lembra dela ter trabalhado em uma casa de tecidos no Rio de

¹⁹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Janeiro). Se dizia solteira nesta época, omitindo o primeiro casamento. Declarava ter um “belo porte, expressão confiante e temperamento liberal”²⁰, e para ganhar confiança, teria se matriculado em famosos cursos de comportamento em Nova York, denominados *Lucky* e *Power School*.

Pessoas próximas consideraram improvável que a condição financeira de Maria Augusta, enquanto solteira, possibilitasse viagens e cursos no exterior, mas uma hipótese é que seu primeiro casamento tenha possibilitado alguma ascensão econômica. A *Power School* de fato existia, tanto que há registros da visita de Peggy Morse, intitulada professora da instituição, em visita ao Brasil anos depois, e posando com as “intocáveis”, como eram conhecidas as modelos da Socila.

Em algum momento posterior ao desquite, entre 1954 e 1955, Maria Augusta passou a viver com Jardel Frederico de Bôscoli Filho, conhecido como Jardel Filho, ator brasileiro que participou do primeiro elenco da *TV Globo* e fez 13 novelas na emissora²¹. Filho de artistas, Jardel Filho trabalhava em peças e filmes desde a década de 1940. Embora não se possa precisar o período em que viveram juntos, reportagem de 1955²² da *Manchete* divulga que Jardel estava nos Estados Unidos e “de lá mandava cartas para sua mulher, Maria Augusta”.

Em edição de 1983²³ da mesma revista, na ocasião da morte do ator, diz-se que ele teve vários casamentos e o nome de Maria Augusta não é mencionado como “esposa”. Comenta, entretanto, que “Jardel nunca pôde viver sozinho. E entre as mulheres que em determinados momentos de sua vida o acompanharam estão Maria Augusta (fundadora da Socila)”.

²⁰ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

²¹ De acordo com o perfil de Jardel Filho no site *Memória Globo*. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/jardel-filho/>, acesso em 25 de janeiro de 2022.

²² *Manchete*, ed. 0177, 1955, p. 22.

²³ *Manchete*, ed. 1611, 1983, s/p.



Figura 3 - Maria Augusta e Jardel Filho
Fonte: Almanaque *GloboNews*, 22 de agosto de 2005

O segundo casamento de Maria Augusta, ao que tudo indica, não foi oficializado, mas pode ter tido papel importante na sua vida profissional. Ilka Soares, grande nome do elenco Socila, contou em depoimento²⁴ para esta pesquisa que conheceu Maria Augusta por meio de Jardel Filho, com quem ela atuava no teatro à época. Ficaram muito amigas, a ponto de Maria Augusta (chamada de Gugu no círculo íntimo) ter lhe feito confidências sobre a orientação sexual do primeiro marido. Ilka e Anselmo Duarte, cineasta, eram casados e chegaram a hospedar Maria Augusta e Jardel Filho em sua casa no Pacaembu, em São Paulo, quando o ator fazia uma temporada de teatro na cidade. Segundo ela, Jardel bebia muito; de acordo com a imprensa, ele era “o terror das mulheres”²⁵, razões que teriam levado Maria Augusta a se separar.

²⁴ Depoimento concedido por telefone, em janeiro de 2022, mediado pelo filho Anselmo Duarte Jr. Ilka Soares estava com 89 anos na época.

²⁵ *Manchete*, ed. 1611, 1983, s/p.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Ilka testemunhou o surgimento da Socila. Ela não se recorda ao certo da data em que a Socila foi fundada nem do que levou as duas amigas a abrirem o negócio, mas se lembra que ambas eram muito inteligentes. No caso de Maria Augusta, o grande ativo era a forma como se apresentava: Ilka diz que ela falava bem, era muito educada, simpática, bonita e bem-vestida, era a “vitrine” do negócio. Ela contou²⁶ que foi a primeira contratada do novo negócio e se tornou garota-propaganda da versão carioca do programa de TV *O céu é o limite*, que era exibido na *TV Tupi*, apresentado por J. Silvestre e patrocinado pela companhia aérea Varig. O programa deu fama à Ilka e despertou a atenção de Maria Augusta²⁷ para o fato Maria Augusta de que não havia moças para fazer fotografias de produtos no Brasil; todas as garotas-propaganda eram estrangeiras, e mesmo marcas multinacionais que se instalavam aqui usavam publicidade importada. O sucesso de Ilka despertou um novo mercado para a Socila, o de garotas-propaganda e, em seguida, de manequins. Nessa época, elas eram “todas meninas de família muito boa, tinham suas casas, não eram pessoas independentes que precisavam trabalhar para sobreviver. Faziam aquilo porque gostavam, porque tinham tempo, e ficavam famosas”, disse Maria Augusta. A carreira durava até os 22, 23 anos, segundo ela; depois as moças se casavam e em seu lugar entravam outras mais jovens. Dentre nomes famosos que passaram pela Socila está a escritora Marina Colasanti.

No final dos anos 1950, outra oportunidade se apresentou: Assis Chateaubriand, dono dos *Diários Associados*, conglomerado de comunicação da época, queria investir no concurso de miss e convidou Maria Augusta para organizar o Miss Brasil. “Aceitei e fizemos um grande evento no Maracanzinho, a

²⁶ Em entrevista para esta pesquisa pouco antes de sua morte, em 2022.

²⁷ Em depoimento ao livro *O Brasil na moda* (2003, p. 891). Ver referências bibliográficas.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

partir dali a coisa tomou vulto”²⁸, com Maria Augusta oferecendo “educação perfeita para a miss”²⁹. Tida como extremamente amável, simpática e gentil pelas amigas/os e familiares que deram depoimento para esta pesquisa, Maria Augusta era também considerada muito exigente quando se tratava de seu trabalho. Reportagem³⁰ sobre os concursos de miss diz que beleza é importante, “mas não é tudo”: a candidata precisava aprender “mil bossas” e ter “mil pequenos defeitos corrigidos antes de pisar a passarela do Maracanãzinho”.



Figura 4 – Maria Augusta e candidatas a miss
Fonte: *Manchete*, 24 de junho de 1961

²⁸ Em depoimento à Paulo Borges no livro *O Brasil na moda* (2003, p. 892). Ver referências bibliográficas.

²⁹ O Cruzeiro no Miss Brasil: receita de miss. *O Cruzeiro*, ed. s/n, junho de 1968, p. 120-125.

³⁰ Ser miss não é mole. *O Cruzeiro*, ed. 0021, 26 de maio de 1971, p. 111-113.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Desde o começo das suas atividades, a Socila tinha como premissa a “educação” das jovens mulheres. Se em 1971³¹ Maria Augusta afirmaria que “nossa mercadoria é a beleza e a educação da mulher. Estamos seguros de que vendemos um gênero de primeira necessidade”, o conceito já estava lá desde o início, quando era procurada pelas mães para dar algum “burilamento social” às filhas. Seus famosos cursos de “aperfeiçoamento social” ganharam projeção no final da década de 1950 com alunas de uma família renomada: os Kubitschek.

Maria Augusta contou³² que uma reportagem sobre as aulas de postura na Socila despertou o interesse da primeira-dama, d. Sarah Kubitschek, para as filhas Márcia e Maria Estela. Márcia tinha um problema sério na coluna; teria sido em razão dele³³ que a primeira-dama criou o Centro de Reabilitação que leva seu nome, primeiro em Brasília e hoje presente em várias cidades do país, e solicitado a construção da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Brasília, hoje um ponto turístico da cidade, como promessa caso a filha ficasse curada. O problema de Márcia não era postural, mas o encontro com a família Kubitschek rendeu frutos. Segundo Maria Augusta³⁴, Márcia era “uma menina muito estudiosa, muito inteligente e tal, mas um pouco tímida”:

Foi proveitoso porque ensinei alguns truques pra ela. Ela tinha um ombro um pouco mais caído, ensinei de botar um pouco a mão na cintura pra levantar o ombro que era mais caído, e com isso ela se sentiu mais segura, começou a frequentar a sociedade com mais liberdade e tal. E d. Sarah ficou muito grata, fez até uma conversa comigo muito interessante, dizendo que a Márcia sempre que eles viajavam, tinha aquelas mesas grandes,

³¹ Ser miss não é mole. *O Cruzeiro*, ed. 0021, 1971, p. 112.

³² Em entrevista ao Programa Almanaque, da *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005.

³³ Dona Sarah Kubitschek, o braço direito de JK. Agência Brasília, 19 de março de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasilia.df.gov.br/2020/03/19/dona-sarah-kubitschek-o-braco-direito-de-jk/>, acesso em 30 de janeiro de 2022.

³⁴ Em entrevista ao Programa Almanaque, da *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

ficava a cúpula de um lado e os jovens lá pra trás, e que ela estava sempre quietinha no canto dela. E ela se surpreendeu quando num desses jantares em Portugal ela viu as pessoas interessadíssimas num assunto, muita gente rindo e ela percebeu que era a Márcia. Ela se soltou completamente. Então ela ficou grata a isso e começou a fazer aulas duas vezes por semana. Eu ia ao Palácio [das Laranjeiras] e fazíamos aula antes do lanche com as meninas. Depois do lanche, d. Sarah, que era uma mulher fantástica, maravilhosa, resolveu tomar umas aulas também com um grupinho de amigas dela e tal. A irmã dela, Idalina e tal. Então eu ficava pro lanche e o presidente [JK] ia sempre lanche no Palácio, porque trabalhava no Catete. (...) Então eu tive muitas oportunidades de conversar, de conhecer os políticos todos, o presidente que era uma pessoa extremamente carismática, e era muito agradável³⁵.



Figura 5 – Ilka Soares (sentada), Isabela, Peggy Morse (Power School de Nova York), Maria Augusta, Márcia Kubitschek, Ligia Bastos e Maria Estela Kubitschek
Fonte: *O Globo*, 02 de julho de 2005

³⁵ Em entrevista ao Programa Almanaque, da *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

A proximidade do presidente JK contribuiu para Maria Augusta conseguir oficializar a Socila, consolidando seu sucesso e tornando Maria Augusta uma figura recebida na alta roda mundial:

Conheci [o estilista francês André] Courrèges, conheci [a estilista britânica] Mary Quant, conheci porque nós fizemos uma revistinha interna da Socila e fizemos contato com todos os costureiros, tanto na Europa como nos Estados Unidos. E trocávamos correspondências, e quando viajavamos íamos sempre vê-los e tal, fazia entrevista com eles pra nossa revistinha, e depois cedíamos as fotografias até pro [jornal] O Globo, nós mandávamos pra eles e eles ficavam muito gratos. Chegou ao ponto tão agradável que eles mandavam as fotografias das coleções que iam ser lançadas, mandavam pra mim imediatamente, pedindo que não fossem publicadas antes que viesse a ordem, quer dizer, antes da apresentação lá. Sempre respeitamos isso, com isso abrimos uma porta imensa. Então quando eu viajava, (...) fui fazer uma entrevista com madame Chanel, ela encantadora, muito simpática. (...) Comigo foi extremamente simpática³⁶.

Do Palácio Laranjeiras, residência da família Kubitschek, à Cuba (como contado na introdução deste artigo), passando pelos espaços da moda em Paris e diversos estados do Brasil - “a essa altura a Socila já tinha se tornado um império, (...) com mais de 15 endereços só no Rio de Janeiro e Socilas espalhadas pelo Brasil”³⁷ -, Maria Augusta tornou “fazer Socila” sinônimo de elegância e educação. Tudo parecia dar certo. Em 20 de outubro de 1971 casou-se com o industrial brasileiro de descendência norueguesa Kaare Thurmann Nielsen Filho, conhecido como Pitt. Ela adotou o nome de Maria Augusta Pinto Thurmann Nielsen, e embora tenham se divorciado³⁸ (provavelmente na década de 1980, segundo

³⁶ Em entrevista ao Programa Almanaque, da *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005.

³⁷ *O Brasil na moda* (2003, p. 893). Ver referências bibliográficas.

³⁸ Conforme estado civil que consta na certidão de óbito de Maria Augusta.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

depoimentos para esta pesquisa), ela manteve o nome de casada e se apresentou como Maria Augusta Nielsen até sua morte, em 2009.



Figura 6 – Pitt Nielsen e Maria Augusta com, supostamente, um nobre norueguês
Fonte: acervo pessoal Maria Augusta

Segundo depoimentos de amigos e familiares, o casamento de Maria Augusta e Pitt era ótimo e feliz. Tinham hábitos diferentes e, por isso, dormiam em quartos separados: Maria Augusta gostava de dormir e acordar tarde, enquanto Pitt acordava cedo e praticava esportes (adorava caça submarina). Ela fumava muito e tinha uma saúde frágil. Ele era de família rica, ligada à nobreza norueguesa, o que fazia com que fosse chamado por amigos de “príncipe”. Teria herdado, de acordo com depoimentos, uma empresa metalúrgica de nome Titan e ganhado muito dinheiro porque, diz-se, vendia explosivos para o governo durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985).

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

O casal morou em endereços diferentes na zona sul do Rio de Janeiro, todos em áreas nobres. Tinham um *Ford Galaxie*, automóvel de luxo da época, dirigido por um motorista, e uma casa de praia na cidade de Cabo Frio, Região dos Lagos do Rio de Janeiro. Pitt chamava Maria Augusta de “Gugu”, “minha Guguzinha”. Eram muito carinhosos um com o outro. Não tiveram filhos juntos. Pessoas próximas ao casal comentaram, em depoimento para esta pesquisa, que Pitt era ótimo companheiro para Maria Augusta, mas “tinha a carne fraca”. E que ela era muito generosa financeiramente com os amigos e treze afilhados, pelos quais sentia “o amor pelos filhos que não teve”³⁹. Anselmo Duarte Jr. era um destes afilhados e conta que Maria Augusta lhe deu um carro de luxo quando ele ingressou na faculdade de Direito.

Quando os negócios de Pitt deixaram de ir tão bem, ela o teria sustentado. O comentário é que se separaram porque ele se apaixonou – e supostamente engravidou - outra mulher, provavelmente em meados dos anos 1980. Sabe-se pouco sobre a moça; alguns comentaram que ela era passista de escola de samba, outros disseram que era “mulata do Sargentelli”, como eram conhecidas as dançarinas que acompanhavam o apresentador de TV Osvaldo Sargentelli em shows de samba, na década de 1970. Pitt está vivo, tem hoje 96 anos, mora no Leblon, no Rio de Janeiro, e não quis dar entrevista.

O sucesso da Socila impulsionou outra marca brasileira, desconhecida à época: a Natura⁴⁰, fundada em 1969 por Luiz Seabra, em São Paulo. Na biografia *Natura, a realização de um sonho*⁴¹, em depoimento à Betânia Tanure de Barros (2011, p. 47-50), o próprio Seabra menciona a Socila como “célebre marca de institutos de estética no Rio de Janeiro”, fundada por Maria Augusta, “muito conhecida

³⁹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁴⁰ Em seu site, a Natura se posiciona em 2020 como quarto maior grupo do mundo no segmento de beleza. Disponível em: <https://www.natura.com.br/a-natura/nossa-historia>, acesso em 08 de fevereiro de 2022.

⁴¹ BARROS, Betânia Tanure de. *Natura, a realização de um sonho*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. edição em pdf.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

por ser orientadora nos concursos de Miss Brasil”. E conta como a Socila foi importante para a divulgação “da desconhecida marca Natura àquela época”. Homero de Almeida Fontes, que foi sócio da Socila em Belo Horizonte, conta que “a Socila foi uma das molas mestras da Natura, que era uma fábrica pequena”. Ele avalia que, em uma determinada época nos anos 1970, a Socila foi maior do que a Natura, então restrita à São Paulo.

Homero também se recorda de lidar com um homem de nome Miguel; tudo leva a crer que se trata de Miguel Krigsner, que fundou O Boticário em 1977⁴². A linha de cosméticos da Socila, sobretudo maquiagem, “foi um sucesso no Rio e em Minas!”, ele conta. Mas nem tudo eram flores. Em meados dos anos 1970 Ligia Bastos já não era sócia do negócio, e o novo sócio, um advogado de nome Cury Neto, não aceitava uma mulher lhe dando ordens, segundo Maria Augusta. Ela teria visto crescer a influência do sócio, sentiu que perdeu o controle financeiro e se incomodou quando ele começou a trazer “apadrinhadas suas” para a Socila. A gota d’água teria sido em 1980; vendeu sua parte na sociedade e afastou-se da empresa. “A Socila perdia sua alma”⁴³. No mesmo depoimento, Maria Augusta diz que dois anos depois Cury Neto a teria procurado para que ela retomasse a Socila; mas ele acabou morrendo sem concluir as negociações - e ela perdeu a marca.

Entre 1970 e 1980, Maria Augusta cursou e ministrou diversos cursos e recebeu homenagens em muitas áreas. Em 1984 voltou ao jogo com o Maria Augusta *Studios*, no luxuoso Hotel Glória, no Rio de Janeiro. Diferente do que ocorria com a Socila, a presença do Maria Augusta *Studios* na imprensa se deu mais por meio de publicidade do que como notícia. Nas revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*, de cujas páginas Maria Augusta era *habituée* até os anos 1970, passou-se a ler sobre ela e a Socila como página do

⁴² Informações disponíveis em: <https://www.boticario.com.br/nossa-historia/>, acesso em 08 de fevereiro de 2022.

⁴³ *O Brasil na moda* (2003, p. 893). Ver referências bibliográficas.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

passado, como em reportagem⁴⁴ sobre a carreira de modelo, na qual é reconhecida como precursora: “Quem deu origem à fábrica de sonhos foi Maria Augusta Nielsen, carioca, 69 anos, criadora da primeira escola de modelos da América do Sul, a Socila”.

Em 2003 Anselmo Duarte Jr., filho do famoso cineasta e afilhado de Maria Augusta, começou as filmagens do documentário *A batuta mágica*, para homenagear a madrinha (não foi finalizado por falta de verba). Perguntada no *Programa Almanaque*, da *GloboNews*⁴⁵, sobre como era estar de novo sob os holofotes, ela respondeu, bem-humorada:

Eu achei tão interessante como é que aos 82 anos eu vou pra mídia [risos]. Estou achando muito interessante. Eu amo a vida, eu sou uma mulher muito feliz, isso tinha que acontecer comigo, porque as coisas materiais acabam, como acabou toda a vida que eu tive, as minhas coisas, as minhas pratas, os meus quadros, os meus tapetes, e que importa? Que valor tem isso? Quem vem aqui vem me ver. Não vem ver os porta-retratos de prata. Mas estão todos ali. (risos). E sou muito amada.

Neste período Maria Augusta morava sozinha na Gávea. Recebia uma pequena aposentaria do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), complementada pela ajuda de amigos e de modelos que ela lançou. Segundo a própria⁴⁶, ela ficou praticamente cega do olho esquerdo e com 10% de visão no olho direito. “É irreversível”, contou. Mas não perdia a alegria de viver. Em mais uma demonstração do quanto prezava sua autonomia, foi aprender braile no Instituto Benjamin Constant⁴⁷. A despeito do sucesso da

⁴⁴ Escola de modelos, a fábrica de sonhos. *Manchete*, ed. 2100, 1992, p. 80.

⁴⁵ Entrevista à Regina Martelli, exibida em 22 de agosto de 2005.

⁴⁶ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

⁴⁷ Referência nacional em capacitação de pessoas cegas, com baixa visão e surdocegas. Informação retirada do site do Governo Federal. Disponível em: <https://www.gov.br/ibc/pt-br>, acesso em 23 de fevereiro de 2022.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Socila, ela estava pobre, mas se dizia privilegiada: “Não me lembro de coisas desagradáveis e acho ótimo. Fiquei muito rica, depois houve um final melancólico. Estou pobre, essa é a verdade, mas estou feliz, as coisas materiais não me fazem falta. Não me sinto sozinha, recebo meus amigos, vivo de amor, por isso não fico velha⁴⁸. Maria Augusta morreu em 01 de novembro de 2009, aos 86 anos, vítima de uma parada cardíaca não especificada. Na entrevista para o *Programa Almanaque* (2005), ela considerou escrever sobre sua vida:

Eu, escrever... pode ser, até. Mas tem algumas pessoas interessadas sim. Pode ser que saia. Porque realmente a minha vida foi muito rica de acontecimentos. Não só Miss Brasil, não é só isso. A história do meu trabalho, minha história também, um pouco de sociedade, um pouco de política, um pouco de tudo aconteceu na minha vida. Minhas viagens em volta do mundo, sempre pesquisando as coisas femininas para poder incrementar aqui no Brasil e tal, foi uma vida rica de acontecimentos. Realmente tem muita coisa para contar.

Maria Augusta não conseguiu escrever sobre si. Mas sua vida fala por ela, assim como suas declarações à imprensa, a fachada que construiu para si e o legado da Socila, que se mantém – e mantém Maria Augusta – viva no imaginário, muito em virtude da imprensa. “Maria Augusta queria viajar o mundo”, disseram familiares. Conseguiu bem mais do que isso.

⁴⁸ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

3. A construção da fachada e a mediação de Maria Augusta

Erving Goffman (1963 [1982]), no livro *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, analisa biografia e identidade social. Para ele, biografia é o resultado do entrelaçamento entre identidade pessoal e identidade social, uma espécie de somatório das interações sociais das quais participa e da informação disponível sobre si mesmo. Goffman diz que não importa se a linha biográfica de um indivíduo está apenas na mente daqueles com quem ele convive ou se está sistematizada nos arquivos de uma organização; o fato é que o indivíduo é uma entidade sobre a qual se estrutura uma história, é um objeto para biografia.

Assumimos que um indivíduo só pode ter uma única biografia; no entanto, quando é encarado pela perspectiva do papel social que representa, há uma multiplicidade de “eus”, podendo o indivíduo até mesmo manipular informações sobre seu passado. Goffman (1963 [1982]) afirma que não há dúvidas que os meios de comunicação de massa desempenham um papel central nesse sentido, tornando possível que uma pessoa privada seja transformada em figura pública, cuja imagem passa a se constituir de uma seleção de fatos sobre este indivíduo.

Maria Augusta morreu em 2009, portanto não pude ouvir diretamente dela um relato sobre si mesma; mas tomo a imprensa como mediadora na construção pública de sua trajetória e das relações sociais que ajudam a tecer tal trajetória que, entretanto, não obedece a um modelo cronológico nem a uma formação linear, privilegiando, ao contrário, suas contradições, mas também buscando estabelecer conexões entre os acontecimentos para lhes dar coerência.

Para além do nome próprio que institui uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo em todos os campos possíveis onde ele seja agente, como diz Bourdieu ([1986]

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

2006), busca-se compreender sua trajetória e as relações sociais que a atravessaram. Quando pensamos sobre as informações que constroem a biografia de Maria Augusta na imprensa, temos dois momentos da seleção de fatos: a seleção (pelo jornalista) do que seria publicado, e a seleção do indivíduo (feita por Maria Augusta), considerando o que desejava contar sobre sua vida. As divergências e incoerências de datas e fatos perpassam a narrativa da história de Maria Augusta e da Socila. Qual é, afinal, o ano de fundação da Socila? Maria Augusta frequentou a *Power School* em Nova York? Isso aconteceu antes ou depois de fundar a Socila? Antes da Socila, quem era Maria Augusta?

Não mencionava seus pais e irmãos. Sua vida pregressa. A família tinha boas condições financeiras? Maria Augusta cresceu aprendendo etiqueta em casa, tal qual as “moças de boa família da época”? Se não, de onde veio a perspicácia para abrir a Socila e transformá-la em uma escola de aperfeiçoamento social para moças? São respostas que nem a imprensa, nem as entrevistas para esta pesquisa conseguiram dar. Ela também não citava seu primeiro casamento, com Vasile Andrian (de quem se desquitou em 1953), provavelmente com receio do preconceito contra uma mulher desquitada.

Segundo Goffman ([1963] 1982), a descoberta de algum defeito secreto “desacreditável” prejudica a situação social corrente e as relações sociais estabelecidas, interfere nas aparências e na reputação, de modo que o estigma e o esforço para esconder ou consertar tal “defeito” se fixam como parte da identidade social. No caso de Maria Augusta, é presumível que o desquite se configuraria como um “defeito secreto desacreditável” que desabonaria a sua reputação. Que outros haveria?

Em seus estudos sobre as interações entre os indivíduos, Goffman ([1959] 2014) considerou a vida como um palco de representações, e cada indivíduo como um ator social que representa um papel - para o qual necessita de máscaras sociais, a fim de causar uma determinada impressão a quem lhe observasse, obtendo assim as respostas desejadas. Goffman ([1959] 2014, p. 13) diz que quando um

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

indivíduo chega à presença de outros, é comum que estes outros procurem obter informações a seu respeito, e que tais informações ajudam a “definir a situação”, “tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar”. E mais: se o indivíduo for desconhecido, é a partir de sua conduta e aparência, segundo Goffman, que quem lhe observa poderá presumir de quem se trata e, assim, utilizar experiências anteriores e “aplicar-lhe estereótipos não comprovados”.

Goffman ([1959] 2014) divide a expressividade do sujeito, consequentemente sua capacidade de dar impressão, em duas frentes: a expressão que ele transmite, ou seja, os símbolos verbais, o que fala objetivamente, e a expressão que ele emite, constituída a partir de uma ampla gama de ações – mas ambas, a mais objetiva e a mais subjetiva, podem ser dissimuladas a fim de causar uma determinada impressão. Não importa o objetivo que se tenha em mente e a razão deste objetivo, para Goffman será do interesse do sujeito regular a conduta dos outros: “assim, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir” (GOFFMAN, [1959] 2014, p. 16).

A Goffman, e neste artigo, interessa mais compreender as expressões emitidas, a lógica teatral dos indivíduos como atores em um palco a fim de causar determinada impressão. Essa lógica era ensinada por Maria Augusta às meninas da Socila: “não se tem uma segunda chance de causar uma boa impressão”, ela dizia. Aqui interessa compreender as impressões construídas pela própria Maria Augusta sobre si mesma, atentando para a “ilusão biográfica” observada por Bourdieu ([1986] 2006) e comentada por Tatiana Siciliano (2011, p. 61), quando ressalta que ao falarem sobre si, os sujeitos reconstituem sua trajetória como uma sucessão de acontecimentos; e nesta sucessão pretendida “se eclipsam as contradições, as fragmentações e as incoerências subjetivas na vivência dos múltiplos papéis sociais”. A

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

autonarrativa, portanto, é ilusória ao tentar dar à vida um sentido coerente, uma vez que a descontinuidade faz parte da trajetória, assim como as relações objetivas que possibilitam a compreensão do contexto em que a trajetória se desenrolou.

Maria Augusta passou a ser mencionada na imprensa quando já estava à frente da Socila, mas contou sua história em retrospectiva algumas vezes. Na construção da narrativa sobre si mesma, se apresenta como mulher até então solteira (quando era desquitada), de boa família (da qual ela nunca fala), supostamente com recursos para frequentar uma escola em Nova York que ensinava boas maneiras às moças. Segundo familiares, das cinco meninas da família (Maria Augusta era a mais nova), outras duas tinham um perfil mais “corajoso”: uma era pianista, outra fundou uma escola; outras irmãs eram casadas com militares e não trabalhavam fora.

Maria Augusta era a mais impetuosa e a que “desbravou o mundo”, segundo depoimento. Mesmo as que trabalhavam fora, depois de casadas davam muito valor ao papel de esposa e mãe. Maria Augusta era exceção, e depois de ter se tornado uma figura pública, contou para familiares que seu desejo sempre foi viajar o mundo e ter dinheiro para comprar as roupas que desejava. Era alta e magra, tinha porte de modelo, mas na época a profissão não era regulamentada e não havia a carreira de modelo internacional (a Socila, anos depois, teve papel fundamental para a regulamentação); ela teria então desfilado para uma casa de tecidos no centro do Rio de Janeiro a fim de começar a ter seu próprio dinheiro. Familiares acham que essa vontade de ser modelo ficou nela, tanto que construiu a Socila – mas essa história Maria Augusta não contava à imprensa.

Em retrospectiva na matéria intitulada sugestivamente “Se Maria Augusta falasse”⁴⁹, publicada na revista *Manchete* em 1970, quando a Socila já era um sucesso, a jovem Maria Augusta foi retratada como “solteira, com belo porte, uma expressão confiante e um temperamento liberal”, uma moça que “estava a meio caminho da emancipação”. E que para isso precisava, tal qual as jovens da época, de ferramentas que a habilitassem para participar do jogo da vida social: “Faltava a ela, e a toda sua geração, mais estrutura para se impor no mundo extradoméstico”.

Então, segundo a reportagem, “julgando que era mais fácil romper barreiras no exterior, Maria Augusta foi saber o que se passava nos mais famosos cursos de comportamento em Nova York”. Em seguida, de volta ao Brasil, teria aberto a Socila com a amiga Ligia Bastos, nos moldes do “hei de vencer”. As primeiras matérias sobre a Socila na imprensa reforçavam o caráter inovador do negócio e a audácia das jovens. O espírito pioneiro de Maria Augusta era enaltecido com frequência: “Fundadora da primeira escola de aperfeiçoamento social da mulher, (...) Maria Augusta oferece (...) o aprimoramento feminino”⁵⁰, “Maria Augusta é reconhecida como precursora [da profissão de modelo]”⁵¹.

O ponto de virada da Socila é a aproximação com a família Kubitschek. “Depois da temporada no Palácio foi um deus-nos-acuda, veio toda a sociedade procurar a Socila, foi uma maravilha”⁵². Maria Augusta soube aproveitar a oportunidade: “Então eu tive muitas oportunidades de conversar, de conhecer os políticos todos, o presidente [JK] que era uma pessoa extremamente carismática, e era muito agradável”⁵³. “Até o presidente ia para lá na hora do lanche. E perguntava: “como é que eu estou,

⁴⁹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁵⁰ Da beleza ao comportamento, seminário completo sobre a mulher. *O Globo*, Jornal da Família, 18 de março de 1984, p. 3.

⁵¹ Escola de modelos, a fábrica de sonhos. *Manchete*, ed. 2100, 1992, p. 80.

⁵² Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

⁵³ Entrevista concedida à Regina Martelli no Programa Almanaque, exibido na *GloboNews* em 22 de agosto de 2005.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

professora, estou bem?”. E aí ele desfilava e também dizia que precisava de aulas. Eu dizia: “o senhor não precisa, presidente”, e ele respondia “preciso sim, sou de Minas”. Ele era muito engraçado, ficamos muito amigos”⁵⁴. A aproximação com JK foi fundamental para profissionalizar a Socila, como vimos.

Ao longo dos anos dourados da Socila, do final de 1950 até meados de 1970, Maria Augusta apareceu diversas vezes na imprensa como criadora - de misses, de talentos, de artistas, de belezas, de mulheres da “geração Socila” - e orientadora de moças: “portadora de sensível olho clínico”⁵⁵, “são 14 anos de atividades dentro do mundo feminino, visando orientar e ajudar a mulher no aspecto cultural, social e físico”⁵⁶, “Maria Augusta cria artistas”⁵⁷, “ela se dedica a transformar jovens tímidas em mulheres lindas e elegantes”⁵⁸, “uma das inovadoras nas questões de etiqueta e beleza feminina”⁵⁹, “ela protege, através da juventude física, também a juventude psicológica de suas clientes”⁶⁰, “d. Maria Augusta, que sabe elegância e beleza de cor e salteado”⁶¹; “Maria Augusta (...) fez do assunto beleza o seu *métier* - quem não a conhece e ao seu famoso bastão de comando nos desfiles de misses?”⁶².

Já era uma figura pública. “Ela ensinou o Brasil a ser elegante. Entre os anos 50 e 70 a empresária Maria Augusta Nielsen ditava o que era de bom tom em sociedade”⁶³. “Conhecida por sua rigidez - ela marcava o ritmo dos passos das moças na passarela com a ajuda de uma bengala -, Maria Augusta

⁵⁴ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

⁵⁵ Josepha Massimo, a manequim brasileira que virou princesa na Itália volta às passarelas. *Manchete*, ed. 1815, 1987, p. 73-77.

⁵⁶ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 13 de outubro de 1970, p. 54.

⁵⁷ A hora é das mulheres: elas venceram pela inteligência e a tenacidade. *Manchete*, ed. 0374, 1959, p. 54.

⁵⁸ Maria Augusta: qualquer moça pode ser miss. *Manchete*, ed. 0896, 1969, p. 32-33.

⁵⁹ A toalha que rejuvenesce e liberta energias. *Manchete*, ed. 1685, 1984, p. 101.

⁶⁰ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁶¹ O Cruzeiro no Miss Brasil: receita de miss. *O Cruzeiro*, 01 de junho de 1968, p. 120-125.

⁶² Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 13 de outubro de 1970, p. 54.

⁶³ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

costumava dizer que foi a fada madrinha de muitas Cinderelas”⁶⁴. “Gugu, como era carinhosamente chamada, tinha passe livre nas *maisons* em Paris. Gugu ergueu um império da beleza com filiais em quase todo o país”⁶⁵. A personalidade de quem sabia onde queria chegar e vivia na base do “hei de vencer”⁶⁶ é constantemente reforçada: “dinâmica, obstinada, experiente, ela conseguiu para si própria o que pretendia”⁶⁷. Consolidou seu projeto. “Fez fortuna e perdeu tudo. Sua vida renderia um filme ou uma novela”⁶⁸. A despeito dos comentários sobre a exigência com as moças que passavam pela Socila, também era retratada como mera esposa: “Maria Augusta da Socila, no entanto, não é mais do que meia imagem de Maria Augusta Nielsen, a esposa de um industrial tranquilo, que sente por 13 afilhados o amor pelos filhos que não teve”⁶⁹.

Não apenas a imprensa, mas também as entrevistas realizadas para esta pesquisa contribuem para pensarmos a biografia, mesmo que de forma ilusória, de Maria Augusta. Um dos afilhados, Anselmo Duarte Jr., “a sentia como mãe”. As amigas que concederam depoimento a retrataram como alguém com “uma certa ingenuidade”, “uma pessoa muito boa”, “estandarte, elegante, falava bem, educada”, “um mito”, “uma mulher maravilhosa, boa de coração, elegante em todos os aspectos, no modo de se vestir, mas com coração de ouro”, e como alguém que mesmo praticamente cega não perdia o bom humor.

Apesar do otimismo, nos últimos anos de vida sentia falta da etiqueta, que para ela deveria ser eterna: “A evolução da moda é natural, mas tem coisas que não mudam, nas atitudes, por exemplo. Você

⁶⁴ Boas (e velhas) maneiras. *Revista O Globo*, 24 de agosto de 2014, p. 16-18.

⁶⁵ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

⁶⁶ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁶⁷ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁶⁸ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

⁶⁹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

pode impor suas opiniões de maneira elegante. O que falta no país é educação, em todos os sentidos”⁷⁰. Todas as pessoas que conviveram com ela e deram depoimento para esta pesquisa são unânimes em ressaltar sua educação, simpatia, elegância e bom papo, escolhendo o que dizer e em que hora dizer. E veem a Socila como um drible no papel de esposa e mãe que a mulher dos anos 1950 deveria desempenhar.

Se não dizer “não” remete a uma mulher passiva, que aceita calada o destino que lhe impõem, este não parece ter sido o caso de Maria Augusta. Parece plausível dizer que ela construiu uma fachada (GOFFMAN, [1959] 2014) para si por meio da imprensa, das declarações que deu e das informações que forneceu sobre sua vida, a partir do seu projeto de ser bem-sucedida e viajar o mundo. A concepção aqui é a de Gilberto Velho (2013), que entende projetos como constitutivos da identidade de indivíduos-sujeitos: assim como a memória, que constrói a identidade retrospectivamente, projetos constroem prospectivamente, estabelecendo metas e ações e possibilitando antecipações do futuro.

Maria Augusta queria ganhar dinheiro, viajar o mundo e circular na alta sociedade; o projeto (VELHO, 2013) que construiu para si incluía uma memória que lhe possibilitasse, em retrospectiva, atuar na direção de seu projeto; e de modo prospectivo, elaborar seu pretendido sucesso, fortalecendo a autorreferência e a identidade, alimentando visões do futuro e estratégias de ação para atingir objetivos delimitados. Tudo isso, para Velho (2013), envolve deliberações e escolhas a partir de um quadro sociocultural e de um campo de possibilidades cujos limites nem sempre são claros. Qual era o campo de possibilidades para as mulheres da época?

⁷⁰ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

É bem verdade que a Socila não se contrapunha ao que os maridos desejavam para as esposas, ao contrário, se propunha a reforçar esse papel de boa esposa e boa mãe, de mulher calma e cordata que nunca diz não, da mulher que pode até trabalhar fora, mas não deixa de lado as tarefas domésticas e o cuidado com a família, da que não desafia o que Bourdieu ([1998] 2020) chama de dominação masculina, o *status quo*. Maria Augusta não desafiava, mas “entendia o que tinha que fazer em cada situação”⁷¹. Basta nos lembrarmos dos seus três casamentos e seu sucesso profissional para vermos brechas e observarmos nuances nestes comportamentos ditados.

A possibilidade de lidar com vários códigos e viver diferentes papéis sociais, em um processo de metamorfose, dá a indivíduos específicos a condição de mediadores, segundo Velho (2013). Os mediadores, estabelecendo comunicação entre grupos e categorias sociais distintos são, muitas vezes, agentes de transformação, pois sua atuação tem o potencial de alterar fronteiras. DaMatta (1997, p. 101) pensa o Brasil de modo relacional, como um “resíduo de relações, de desejos e de ideias que interfere no poder, mesmo quando ele tem tudo para ser absoluto”. Para ele, o mundo social brasileiro é mais complicado do que parece à primeira vista, e o ambíguo pode ser algo positivo, onde o feminino assume um aspecto relacional como mediador por excelência. A mulher, para DaMatta (1997, p. 117), permite relacionar e, quase sempre, “sintetizar antagonismos e conciliar opostos”, sendo peça fundamental “na relação e no relacionamento”.

Maria Augusta transitou, trouxe informações e buscou traduzir e interpretar preferências e padrões do mundo. Foi mediadora, pois ao sair de um mundo original de classe média, cruzou fronteiras (geográficas, em suas viagens pelo mundo, e simbólicas) e transformou padrões tradicionais de

⁷¹ Depoimento de Isabella Lobato, sobrinha-neta de Maria Augusta, concedido para esta pesquisa em janeiro de 2022.

relacionamento. Tal qual a premissa de Velho (2013) de que o mediador entende o que fazer em cada situação, transita entre mundos socioculturais, media diferentes mundos, estilos de vida e experiências, Maria Augusta assim agiu; nesses encontros são valorizados temas e conjuntos de interesses que são capazes de gerar fontes de prestígio e honra social, além de possíveis canais de mobilidade social.

Essa dimensão mais dinâmica da mediação se associa, segundo Velho (2013), à noção de *liberdade*, na medida em que se sublinha a possibilidade de escolha; não sei se é possível falar em escolha para as mulheres na sociedade brasileira dos anos 1950, em que seu destino estava bem definido; mas como em todo processo, há nuances, e a mediação de Maria Augusta parece ter atuado neste sentido, entendendo que havia algum campo de possibilidades, ainda que restrito, e que para driblar os códigos era preciso compreendê-los – e aprendê-los. Um drible na sociedade da época.

4. Considerações finais

Maria Augusta parece ter encontrado uma brecha no campo de possibilidades (VELHO, 2013) das mulheres da época, atuando como mediadora, construindo sua “fachada pessoal” que, para Goffman ([1959] 2014, p. 36) incluía os distintivos da função ou da categoria, aqueles que “de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator”, e que além de características físicas, inclui “atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes”.

A fachada acompanha o ator aonde quer que ele vá, compatibilizando a aparência e as maneiras, e “quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para esse papel” (GOFFMAN, [1959] 2014, p. 40). Maria Augusta, ao passo

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

que marcava a postura das moças com a batida de sua bengala no chão, era mediadora, construtora de fachada para si e para outras mulheres, consolidando seu projeto (VELHO, 2013).

Referências

- Bonadio, M. C. (2004). Dignidade, celibato e bom comportamento: relatos sobre a profissão de modelo e manequim no Brasil dos anos 1960. *cadernos pagu*, 38, 47-81.
- Bourdieu, P. (2006). A ilusão biográfica. Em J. Amado, M. M. Ferreira (Coord). Usos e abusos da história oral, (pp. 183-191). Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Bourdieu, P. (2020). A dominação masculina. Bertrand Brasil.
- Chaves, J. L. (2020). Josepha, romance histórico.
- DaMatta, R. (1997). A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rocco.
- Goffman, E. (2014). A representação do eu na vida cotidiana. Vozes.
- Goffman, E. (1982). Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Zahar.
- Hemeroteca da Biblioteca Nacional.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Brasília, DF: IBGE.
- Levi, G. (2006). Usos da biografia. Em J. Amado, M. M. Ferreira (Coord). Usos e abusos da história oral, (pp. 167-182). Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Medeiros, M. C. E. (2022). Essa fez Socila: narrativas sobre etiqueta, socialização feminina e aperfeiçoamento social da mulher. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.
- Siciliano, T. O. (2011). A construção da fachada de Raymundo de Castro Maya como “benfeitor” da cidade e do patrimônio público: a coleção de Debret e o projeto de construção memorial. Simpósio Nacional de História (ANPUH). Florianópolis, Santa Catarina, julho de 2011.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Velho, G. (2013). Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana. H. Vianna, K. Kuschinir, C. Castro (Orgs). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.